

Escola Waldorf Rudolf Steiner

Gabriela Prado Pontes

Chiquinha Gonzaga

Orientadora

Priscilla de Souza Martins

Trabalho final apresentado como
requisito parcial para conclusão do
Curso do 12º ano da Escola
Waldorf Rudolf Steiner

São Paulo – SP

2020

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos aqueles que me deram a força que eu necessitava desde o início até a sua conclusão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a colaboração da minha orientadora Priscilla de Souza Martins.

Agradeço aos meus pais, em específico à minha mãe por sua grande insistência e estímulo para eu sempre correr atrás, para fazer um bom trabalho.

Agradeço a Arlete Pires dos Santos quanto à utilização de termos específicos deste trabalho.

Agradeço, também, à minha professora de piano, Sylvia Maltese Moyses, por me ajudar em relação à biografia de Chiquinha Gonzaga.

Agradeço, ainda, a Caterina Lombardi pela ajuda no Abstract.

Agradeço imensamente a Eva Lemmi por me salvar nas dificuldades com a tecnologia do trabalho.

RESUMO

Chiquinha Gonzaga foi a primeira compositora mulher brasileira, sendo a primeira a criar o gênero da marcha-rancho e também a maior maxixeira do seu tempo.

Ela viveu num período conservador demais para a sua mente e ideais, que eram muito avançados para o tempo em que vivia. Pensar na hipótese de querer trabalhar sendo mulher era um sonho hipotético não alcançável. Sua família era da alta sociedade, fazendo dela uma mulher privilegiada em vários âmbitos, como o cultural e o da música. Ela não poderia ter tido mais sorte como teve em sua iniciação musical, no entanto, não se transformou numa dama e esposa virtuosa da corte de D. Pedro II como seu pai o desejava.

Rejeitada e deserdada pela família, Chiquinha passa a viver por sua conta, sendo responsável por sustentar a si própria e a seu primogênito, João Gualberto (seu companheiro de aventuras, podemos dizer). A respeito de filhos, teve quatro, e só com um pôde ficar, três filhos do primeiro casamento, com Jacinto Ribeiro do Amaral, e uma filha do segundo matrimônio, com João Batista de Carvalho.

Em relação às obras, compôs 2000, sendo 77 para obras teatrais. A música era seu porto seguro, sua terapia, conhecia o piano não só de fora para dentro, como de dentro para fora, e, com isso, conseguiu o liberar da prisão para a música naturalmente brasileira.

Por mais que tenha sido criticada ao longo de toda sua vida, com suas idas e vindas a Portugal, teve seu respeito conquistado pelos franceses e pela ocupação da cadeira número um da SBAT (SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS), e passou a ser idolatrada desde aquela época até os dias de hoje.

ABSTRACT

Chiquinha Gonzaga was the first Brazilian woman to be a composer, pianist and conductor. She left us inspiration, not just in the personal way of perseverance, but also in the musical world. She was the one who raised the original Brazilian music into common knowledge by establishing in her mind that Brazilian music was a classical music. She lived in a time when women were not allowed to do many things; that included working, having points of view or even having free conversations. Her family belonged to the high Brazilian society, people who believed that the true Brazilian wasn't the Indian, but the white person.

She was lucky in terms of education and acquisition of knowledge because both things were what her family most prioritized, at least in her father's side of the family. Chiquinha's father always wished her to be an exceptional maid in D. Pedro II court, at the end, we can see clearly how disappointed he was when that didn't happen. After being rejected by her family, Francisca started living on her own, and had to work to support her son and not live on the streets. She had four children, three from the first marriage with Jacinto Ribeiro do Amaral, and one daughter from the second marriage, with João Batista de Carvalho. She was not allowed to live with all her children, she lived only with her first son João Gualberto, the other ones she had no legal right to keep. She made 2000 musical pieces being 77 used on theater. The piano was her therapy, her safe port, she knew the piano not only from the outside to the inside, but also from the inside to the outside. With this incredible sensitivity, she was able to take the Brazilian music out of a prison.

Even though she'd been criticized most of her life, when she started taking trips to Portugal, being recognized as a great composer by the French people, and also by occupying the Chair number 1 in the SBAT (Brazilian Society of Theater Authors), she started being extremely respected and recognized until today.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	8
2.	ÉPOCA.....	9
3.	FAMÍLIA.....	11
4.	HERANÇA FAMILIAR.....	13
5.	LIBERDADE TEM UM PREÇO.....	16
6.	NOVOS ARES.....	18
7.	A LIBERTAÇÃO DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA.....	21
8.	UM FLAUTISTA CHAMADO CALLADO.....	23
9.	ATRAENTE.....	24
10.	MARIA DO PATROCÍNIO.....	26
11.	REVOLUÇÃO.....	28
12.	ÁGUA NO VINTÉM.....	32
13.	VIOLÃO.....	35
14.	PERDAS.....	37
15.	JOÃO GUALBERTO.....	40
16.	ALICE.....	41
17.	SUCESSO.....	43
18.	PORTUGAL.....	44
19.	Ó ABRE ALAS.....	48
20.	FORROBODÓ.....	50
21.	SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS.....	51
22.	FIM.....	55
23.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
24.	BIBLIOGRAFIA.....	59
25.	ANEXO.....	61

1. INTRODUÇÃO

Chiquinha Gonzaga foi a primeira compositora, maestrina e pianista mulher do Brasil. Desde o início até o fim de sua vida enfrentou o preconceito de ser mulher, mestiça, divorciada duas vezes, e por comportar-se como um homem devido a sua personalidade ousada, corajosa e pretensiosa para a época.

Francisca não só teve que encarar uma sociedade carioca conservadora, como aprendeu por si só a se impor, e também a impor os direitos dos outros, o que resultou na fundação da SBAT (SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS), ocupando a cadeira número um, no começo do século XX.

Foi graças a ela também que a música brasileira se libertou da prisão, assim como foi graças a ela que surgiu o termo maestrina, devido às suas incansáveis lutas com a imprensa.

Abolicionista e republicana, sempre viveu com muita intensidade os acontecimentos de seu tempo, com uma cabeça muito aberta a mudanças e revoluções, para que a classe dominante percebesse o quão liberal ela era, seguindo seu caminho sempre com a cabeça adiante. Por mais que muitos pensem que ela só se dedicou ao seu trabalho durante toda a sua vida, em parte estão certos, pois ela trabalhou não só porque amava o que fazia mas para sobreviver, e, com o dinheiro resultante de suas músicas, conseguiu a alforria de vários escravizados. Teve, ainda, a sua posição garantida no movimento republicano.

A escolha deste tema surgiu da minha fascinação pela música e pela identificação de personalidade com Chiquinha.

O desenvolvimento desta monografia trouxe um panorama geral de como era a vida naquela época, a música e os costumes. Mostrou que Francisca era uma mulher forte, gostava da liberdade e da inovação, mente super aberta e sempre disposta a ajudar àqueles que prezava. Pode-se dizer várias coisas sobre ela, mas uma coisa que se destaca é o seu “Basta” às situações que a incomodavam.

“A antecipação com que usou a liberdade pessoal faz dela a primeira personagem na história do Brasil a não ser uma heroína no sentido oficial; não estava a serviço da pátria, nem da humanidade, nem de um marido. Estava apenas a serviço de si mesma, de suas vontades e desejos. Só que isso não era permitido a uma mulher.” (Diniz, 2005)

Este trabalho apresentará a vocês a biografia de Chiquinha Gonzaga.

2. ÉPOCA

Francisca Edwiges Neves Gonzaga, mais conhecida como Chiquinha Gonzaga, foi a primeira compositora, maestrina e pianista mulher do Brasil. Seu status foi tão grande, mas tão grande, que, mesmo depois de morrer, suas obras foram frequentemente tocadas e ouvidas.

Nasceu no Rio de Janeiro, que, na época, era a capital do Brasil, no dia 17 de outubro de 1847, num período monárquico, no segundo reinado. O Rio de Janeiro, nesse período, tinha 250 mil habitantes, sendo a maioria da população constituída de escravizados e analfabetos, sendo dez por cento representada por brancos.

A segunda metade do século, a partir de 1850, foi um marco de muitos acontecimentos que mudariam a história do Brasil, como a abolição do tráfico de escravizados por todos os continentes, a construção de estradas de ferro, a amplificação da produção de café, a liderança no mercado mundial, a vinda do telégrafo e da iluminação a gás.

O século XIX foi um período no qual a arte estava a flor da pele e, no Brasil, a verdadeira música estava saindo pouco a pouco de sua prisão, pelo fato da classe dominante (europeus) ser de algum modo superior à camada baixa (pretos e pardos) e o que era considerado música brasileira era a música clássica. Foi nesse século que a música brasileira deslanchou, desde as rabecas, pianos, assobios e palmas ritmadas, lundús, polcas, no entanto, o instrumento de paixão da sociedade carioca na época era o piano. Era uma praga de tanto piano, em todas as casas e restaurantes. O segundo reinado foi o auge do uso do piano no Rio de Janeiro, devido ao aumento de produção, crescimento da marinha mercante, e a incansável luta do latino americano e sul americano pela independência, o piano, ao chegar aqui, foi muito bem recebido, tanto que pessoas da camada dominante, quando iam negociar o noivado e as mulheres para se casarem, primeiro observavam o tipo de piano que tinha na residência, se era de cauda, o som que emitia, se era afinado e por aí vai. Os franceses tiveram uma grande influência em relação a isso, devido à missão artística francesa em 1816, e, em parte, graças a eles que temos a nossa polca, (música de origem polonesa usada pelos camponeses e trazida para cá pelos franceses). O piano representava para nós brasileiros o ser civilizado. No caso da valsa, quando veio para cá, também foi bem recebida, ao contrário dos europeus que consideravam muito vulgar no início, devido à aproximação do casal. A polca exigia uma aproximação ainda maior, foi um gênero musical que despertou o Brasil inteiro, tocava-se em

bailes, salões, casas, e etc. Compunham-se polcas típicas, brilhante, fadinho, lundú, carnavalesca e marcha.

No mês em que Chiquinha nasceu, a sociedade carioca teve a oportunidade de ter entrega de água através de carroças, e, ainda a respeito de carroça, passou a ser puxada por animais, não mais escravizados. Quando o tráfico de escravizados foi abolido mundialmente em 1850, o Brasil tornou-se um país civilizado e de mais respeito, não apenas uma floresta lotada de animais, como era visto pelos europeus.

3. FAMÍLIA

Francisca teve a mesma educação dada às crianças da camada dominante da época, mesmo sendo filha de Rosa, neta de escravizados. Sua mãe Rosa teve um parto muito difícil, com apenas ao seu lado sua mãe Tomásia e a parteira. Ao nascer, Francisca corria o risco de ter retardo mental, porém, por sua sorte, a mãe Rosa chama pelo Dr. Felix, médico amigo do pai da criança.

José Basileu, com seus 30 anos, tinha sido promovido para primeiro tenente da marinha imperial no ano em que regressara da corte, tirando uma licença de três meses para cuidar de sua saúde, solicitada pelo Presidente da Província de Pernambuco. Ao chegar no Rio de Janeiro, em 1848, encontra Rosa Maria da Lima e Chiquinha e, para surpresa de Rosa, assumiu a paternidade, resultando três meses depois, o batizado de Francisca, novo membro da família Neves Gonzaga.

Casaram-se quando Chiquinha completou três anos, contrariando a sociedade conservadora da época. José Basileu logo no início assumiu a sua paternidade, no entanto, devido à desaprovação de seu pai, Brigadeiro Feliciano José, negou uma mãe filha de escravizados como membro da família junto de sua filha bastarda devido aos ideais da época. Francisca teve três irmãos; Juca, Feliciano e José. Ela, devido aos privilégios de sua posição social, teve a oportunidade de ter um tutor que lhe ensinou gramática, latim, religião e aritmética. O nome de seu instrutor era Cônego Trindade. Já os seus três irmãos, frequentaram a escola para meninos.

O tempo em que Chiquinha nasceu foi muito privilegiado, pois com a vinda da família Bragança para o Brasil, uma nova perspectiva da mulher surgiu para o povo brasileiro. Não era apenas mulher, haviam marquesas, damas, cortesãs, condessas. Desde então, as mulheres brasileiras passaram a ter outras atividades mais liberais, como irem a bailes, concertos, teatros, além de irem para a igreja e cuidarem da casa.

Seu pai sempre batalhou para Chiquinha ter um bom marido, uma impecável educação e cultura e, ainda, tudo o que uma sociedade esperava das mulheres na época. José Basileu entrou no exército com 17 anos e, ao completar 21, havia conquistado um posto superior. Formou-se na Escola Militar, era fluente em inglês, francês e latim, bacharel em ciências e matemática. A família Neves Gonzaga sempre prezou muito pela educação, e foi este modo de ensino que passou à Chiquinha, a filha mais velha.

Não ficou muito feliz ao tomar a atitude de contratar o maestro Lobo para ser o seu professor de piano, pois queria uma mulher, para que Chiquinha tivesse uma educação, um partilhamento de conhecimentos musicais reduzido. José Eliseu, tio paterno e padrinho de batismo de Francisca, também teve uma grande influência na sua formação musical, assunto que abordaremos mais para frente.

Chiquinha teve muita sorte desde cedo, pois devido à posição social de sua família, mulheres de sua classe eram bem vistas tendo aula de piano e executando das mais variadas peças, o que cooperava ainda mais na admiração de seus pretendentes. Mesmo vivendo num tempo em que grande parte da população brasileira era constituída de escravizados e analfabetos, sua sorte de viver bem economicamente foi imensa. No entanto, mulheres podiam ser apenas intérpretes, jamais compositoras. Um bom exemplo dessa realidade no exterior foi a intérprete Clara Schumann, que nunca teve aptidão para ser compositora.

Sua família acreditava que se arranjassem logo um marido para Francisca, esta ia parar de ser uma mulher ousada, inquieta e expansiva e ia tomar jeito e voltar para a posição à qual “pertencia”.

Desde cedo mostrou interesse pela música, tanto que, aos 11 anos, fez sua primeira música, chamada “Canção dos Pastores”, composta no ano de 1858, numa noite de Natal em família, cuja letra é de autoria de seu irmão Juca, José Basileu Neves Gonzaga Filho, que mais tarde se tornou médico e diplomata, e escritor de livros de poesia. Seu tio Antônio estava lá, ajudando na organização desse importante marco na vida de Chiquinha.

A essa altura, a primogênita tinha dois irmãos além de Juca, que tinha 9 anos na época. José Carlos, com dois anos de idade, e o mais novo, Feliciano. Graças à influência do maestro Lobo e de seu tio, é que a compositora teve a oportunidade de ampliar os seus horizontes aos gostos musicais.

A obra Canção dos Pastores nunca foi publicada durante a vida de Chiquinha, porém foi recuperada pela sua primeira biógrafa, Mariza Lira, no ano de 1939.

Oh! Pastores das campinas

Os instrumentos deixai

(bis)

Vim ver o Deus menino

Vinde ver o nosso pai.

(bis)

4. HERANÇA FAMILIAR

O nome Francisca tem elementos católicos, e o Gonzaga, o último, tem herança do poeta Tomas Antônio Gonzaga e também de vários oficiais militares.

Sendo sobrinha de Duque de Caxias, patrono do exército, também conhecido como Luís Alves de Lima e Silva, sempre teve que ceder às imposições familiares, como se casar aos 16 anos, no ano de 1863, no dia 5 de novembro, com o Oficial da Marinha Mercante, Jacinto Ribeiro de Amaral, com os seus 24 anos. Como presente de casamento, ganha um piano de seu pai, e, feliz da vida, prossegue com o que mais amava fazer, compor, para o desgosto de seu marido, que não gostava e não admitia que Chiquinha trabalhasse. Tinham dois presentes de casamento que eram os mais prezados em tempos de Brasil imperial: escravizados ou piano.

Mulheres de boa condição financeira tinham vida de casada entediante, era só ordem para seus empregados, nada mais, já as de origem humilde, o que não era o caso de Francisca, se davam muito mal, era trabalho o dia inteiro.

Agora uma mulher casada, Chiquinha se deu bem por ter ganho o piano. Seu dom manifestou-se muito cedo. O piano era um centro terapêutico para ela, expressava todas as suas emoções e angústias. Passava tardes tocando-o, no entanto, o seu único obstáculo era o marido, que esperava que ela fosse submissa. O piano para Jacinto sempre foi um grande rival, com o qual ele nunca pôde competir.

Naquela geração, o marido, em boa parte das vezes era um carrasco, que não deixava a própria mulher ter liberdade de agir. Na época, uma mulher de 20 anos era considerada solteirona, e mulheres com 13 ou 15 anos já tinham um filho. As mulheres nunca tinham o privilégio de escolher com quem iriam se casar. Havia um namoro de pais, homem para homem. Funcionava desse jeito: os chefes de família conversavam por um determinado tempo, basicamente como se fossem um casal, abrindo ao próximo as qualidades de seus filhos, características e defeitos familiares, e, na maioria das vezes, concluíam que os seus filhos se amavam, e que eram feitos um para o outro, mesmo sem o próprio futuro casal nunca ter se visto na vida. Sim, um absurdo.

Se você fosse uma mulher rebelde, danou-se. Partiu para o convento!

Chiquinha nunca gostou do fato de ser casada, sempre esteve com a cabeça muito adiante de seu tempo. Era uma mulher de personalidade forte, com espírito inquieto, de

estatura baixa, olhos castanhos escuros, cabelo escuro e levemente ondulado, e vista aos olhos alheios como danada. Não se engane, ser danada na época não era um pequeno lapso cometido quando você era menor e te davam uma leve bronca, ser danada significava um pai conservador e mente fechada trancafiar uma mulher no convento por maus modos. Fofocas da época diziam que Chiquinha tinha caso com padre, o que não era de se duvidar, pois as mulheres frequentavam muito a igreja, um dos poucos lugares que tinham a liberdade de passear e de se expressar.

Jacinto era um homem com fisionomia atlética, louro e carioca, nascido no ano de 1839, no dia 11 de setembro. Seu pai, Miguel, era português, e a mãe, carioca, chamada Maria. O pai de Jacinto Amaral possuía várias propriedades e pertencia à alta sociedade. Por seu pai ter falecido, Jacinto herdou suas posses e sempre trabalhou muito, era proprietário de terras cultivadas. Em troca, ganhou uma mulher vistosa, com inteligência anormalmente aguda e educada. “Ser educada” era o mínimo que se esperava de uma mulher. Chiquinha tinha todas as ferramentas necessárias para se tornar uma dama da corte de dom Pedro II, o que foi uma decepção lamentável para José Basileu.

Os dois casaram-se no dia 5 de novembro de 1863, às cinco da tarde. A partir desse dia, então, Chiquinha passa a ser conhecida como Sra. Dona Francisca Edwiges Neves Gonzaga do Amaral.

No dia 12 de julho de 1864, nasce seu primeiro filho, João Gualberto, no mesmo ano em que o Brasil iniciou o conflito com o Paraguai, e, em 12 de novembro de 1865, nasce Maria do Patrocínio, mesmo ano em que Jacinto aluga e equipa o navio São Paulo ao governo para a guerra do Paraguai.

João Gualberto foi batizado pelos avós paternos, e Maria do Patrocínio pelos maternos. Ambos os batismos têm os nomes dos avós assinalados, o que significa que são privilegiados, bem nascidos, e têm uma herança.

No mesmo ano em que Maria do Patrocínio nasceu, Jacinto tornou-se sócio do Barão de Mauá, também conhecido como Irineu Evangelista de Souza, o maior empresário da história do Brasil. Jacinto trabalhou junto dele com o transporte de escravos, armas e soldados para a Guerra do Paraguai. Chiquinha não teve escolha senão acompanhá-lo. Teve ele uma obsessão tão grande de tirá-la da música, que a levou consigo para a Guerra do Paraguai, e a deixava reclusa em seu camarote, proibida de compor. Mas, mesmo assim, Chiquinha não parou, se não tinha um piano a vista, ela pegava então um violão para tocar a bordo. Em 1866,

chega até a embarcar no navio São Paulo com o marido, que transportava um outro grupo de escravizados para a guerra do Paraguai.

A essa altura, Jacinto já era co-proprietário do navio São Paulo e comandante da marinha mercante. Com essa obsessiva decisão de levar Chiquinha consigo, deixa Maria do Patrocínio com Rosa, que estava prestes a dar à luz a uma menina que nasceu 14 dias depois de Maria, então esta, viu-se obrigada a amamentar as duas.

Ciente de que isso não haveria de mudar, Francisca decide retornar para a casa de seus pais, onde sua filha Maria do Patrocínio tinha ficado. Chiquinha relata o comportamento abusivo de seu marido, mas seu pai, como esperado, não acredita, e coloca ainda por cima que se ela se atrevesse a se separar de Jacinto, não passaria de um fantasma que morreu há muito tempo.

Não tendo o apoio familiar para se separar, e descobrindo que estava grávida, a compositora volta a morar com o seu marido. Em 1867, ela tem o seu terceiro filho chamado Hilário, porém, isso não impediu que o casamento durasse mais por tanto tempo. Chegaram aos seus ouvidos as seguintes alternativas dadas por seu marido: casamento ou música; e ela, sem hesitar, respondeu:

”Pois, senhor meu marido, eu não entendo a vida sem harmonia.”

“Separação naquele tempo era sinônimo de marginalização .” (Diniz, 2005)

Chiquinha passou alguns dias cuidando de Hilário, que por sinal herdara alguns de seus traços físicos, como o de ser moreno e de cabelo ondulado com olhos castanhos. Já os outros dois, puxaram mais a Jacinto, louros de olhos azuis. Sendo expulsa de casa, foi considerada morta pelos pais. Maria foi criada pelos avós, e Hilário por sua tia paterna.

5. LIBERDADE TEM UM PREÇO

Após a separação, Chiquinha volta a viver de música, dando aulas de piano, tocando em bailes, e compondo, porém, não foi tudo de bandeja para ela, os primeiros meses foram difíceis. Várias lojas de piano em que Chiquinha ofereceu-se para tocar, não deixavam pelo fato de ser mulher, divorciada e neta de escravizada, até que consegue se estabilizar numa loja, a qual só aceitava música clássica.

Em relação a sua vida amorosa, não demora muito para se envolver com outro, um engenheiro de estradas de ferro, chamado João Batista de Carvalho Júnior. Era um homem de mente aberta, e não ligava para essas coisas de machismo, “mulher deve ficar no seu canto” e etc.. Era amante das artes, alegre e muito comunicativo. Extremo oposto de Jacinto. Chiquinha e o seu novo caso, mudam-se para Minas Gerais devido a uma oferta de emprego a seu segundo marido. Chiquinha se apaixonou por ele, e sempre foi muito ciumenta, mas sempre levada pela paixão, a ponto de aceitar viver em locais não muito confortáveis devido à profissão de João Batista, que era engenheiro de estradas de ferro.

João Batista era três anos mais velho que a jovem compositora, amante do flerte, isso deixava Chiquinha com muito ciúme, o que era muito típico em sua personalidade. Em 1875, a estrada de ferro havia sido terminada de ser feita, o que não dava mais razões para o casal permanecer lá, o que foi muito difícil para Francisca, que se viu sem alternativa de retornar a um lugar que respirava o seu nome com tamanha rejeição.

Essa volta ao Rio de Janeiro foi muito difícil para ela, pois a humilhação era o que não sabia combater no seu orgulho. Sentia-se o tempo todo mal falada, e cada vez mais percebia o quanto ela atrapalhava a vida social de seu marido, que era muito bem visto e de boa família.

Francisca não aguentou as ofensas e os ciúmes com relação a João Batista de Carvalho Júnior, e o convenceu a voltarem para o interior de Minas Gerais, local que oferecia uma tranquilidade indescritível. De volta a Minas Gerais, ambos têm a esperada calma, que dura pouco tempo.

No dia 24 de agosto daquele mesmo ano, nasce Alice Maria, filha do casal. Após o nascimento de Alice, Chiquinha descobre que João Batista a estava traindo com outra, então, com um outro baque de dificuldade, retorna para o Rio de Janeiro com João Gualberto, mais, precisamente falando, às escondidas, deixando Alice com o seu segundo marido, que a entregou a sua irmã, Henriqueta.

O que aconteceu realmente foi o seguinte: Chiquinha o flagrou no porão da fazenda dançando com uma mulher desconhecida ao som das castanholas. Isso foi demais para ela conseguir tolerar, então, sai da relação com a mesma simplicidade do começo dela. O fato de sentir-se dominada não era uma coisa que ela amasse.

É nesse ponto de sua história que descobre que “ser esposa” não era a sua vocação, devido ao seu grande amor pela liberdade, e também orgulho próprio.

“Aquela Chiquinha é o diabo”, Trovão, L.

6. NOVOS ARES

Para a sua felicidade, Chiquinha voltou a viver da música. No entanto, a sua volta não foi tão dura devido à ajuda fundamental de seu amigo, Joaquim Antônio da Silva Callado, que a ajudou a ter um bom número de alunos, cooperando com sua condição financeira. Dava aulas de piano e compunha de tudo: polcas, valsas, tangos e canções. Ao mesmo tempo, passou a participar de um grupo de choro. Foi aí que Francisca passou a se adaptar ao gosto popular, que lhe valeu a glória de se tornar a primeira compositora popular do país.

Francisca teve muita coragem ao deixar os seus dois maridos, pois uma mulher optando por largar a família para ter a sua liberdade de bandeja tinha de encarar miséria e desconforto. Muitas iam para a prostituição, o que não foi o caso de Chiquinha. Instalou-se na Rua da Aurora, no bairro de São Cristóvão, junto de João Gualberto. Sua meta de ser uma compositora exigia talento, esforço e estômago, o que não a assustava. Com isso, chegou a entender o piano não só de fora para dentro, como de dentro para fora. Ela o libertou.

Com um grande número de pessoas de origem humilde, o piano era não acessível, o que dava a essas pessoas a oportunidade de optarem por terem flauta, clarinete e cavaquinho, este último herdeiro da nossa famosa viola colonial. Os mestiços passaram a obedecer às melodias da música clássica, e ao fazerem isso, juntavam com o ritmo sincopado de sua cultura, foi o que o sul africano fez, uniu elementos e fez de uma música monótona e perfeccionista uma música alegre e expansiva. A música popular brasileira.

Quando chega ao Rio de Janeiro, encara uma transição entre o fim da Guerra do Paraguai e a Proclamação da República. O Brasil se encontrava com dívidas externas imensas com a Inglaterra, e ainda enfrentando uma revolta dos grandes proprietários de escravizados por quererem seus “bens e posses” de volta, sendo que foram eles voluntários da pátria e ainda ganharam um soldo militar. Mas mesmo assim, os próprios escravizados, agora voluntários da pátria e pertencentes ao exército, recusaram a ceder. O povo brasileiro encarou uma grande crise econômica, e a escravidão, a maior questão social da época.

A guerra do Paraguai foi a definitiva queda do império. Vários grupos insatisfeitos com o governo rebelaram-se das mais distintas formas, como caricaturas, música popular e quadrinhas satíricas. Podemos dizer que a maior guerra da América Latina abriu alas para a arte, principalmente para o Brasil. Os autores dessas obras geralmente declaravam-se anônimos perante a imprensa, pois ninguém era fora da caixinha o bastante para colocar o

nome nesses leves protestos artísticos. Por mais incrível que pareça, a reação política foi zero, o que restava ao povo brasileiro rir e satirizar, tirando sarro do próprio governo.

O que cooperou para ficarmos mais modernos em termos de higiene e saúde no Rio de Janeiro, foi o fato de a sociedade carioca ter encarado na década de 40, precisamente no verão de 1849 a epidemia da febre amarela, trazida pelos próprios europeus. Essa crise de saúde pública que os cariocas enfrentaram resultou em limpeza, água encanada e ducha para todos.

Após a guerra, a cidade aboliu o toque de recolher, popularmente conhecido como “toque de Aragão”. Muito usado em tempos medievais. Esse toque nada mais era do que um conjunto de sinos que tocava às dez da noite, e, quando em horário de verão às nove, serviam para alertar a população de que era hora de voltar para suas casas e dormir, era estritamente proibido passar desse horário perambulando pelas ruas. Essa norma foi declarada por um intendente da polícia, ainda no Primeiro Reinado. As únicas pessoas que corriam o risco de serem pegas eram os capoeiristas, popularmente conhecidos como vagabundos, e as mulheres da vida, as conhecidas prostitutas. Surge então nesse século, o boêmio, que foi um passo para as pessoas aproveitarem mais a vida noturna. No princípio só haviam boêmios literários, que eram rodas de leitura, com escritores e poetas citando poesias de suas autorias ou de outros indivíduos, depois, passaram a ter grupos musicais que se encontravam à noite para tocarem músicas que não eram bem acolhidas pela sociedade. O choro foi a principal delas. Os lugares em que os artistas se reuniam chamavam-se confeitarias. A preferida dos artistas era a Confeitaria dos Castellões, que o compositor brasileiro Carlos Gomes frequentava. Ela era frequentada pelos autores teatrais e pelos músicos.

Uma outra bem vista era a Confeitaria Paschoal, que os poetas e escritores frequentavam.

O bonde foi uma outra novidade da época, que facilitou muito o meio de transporte das pessoas. Nas primeiras fileiras iam os escravizados e os burros, nas outras de trás, os burgueses. Vários locais que não eram conhecidos passaram a ser visitados com frequência, e a atividade noturna só aumentou, nesse caso as idas e vindas aos teatros, concertos e bailes. Mas nada se compara à popularização da Rua do Ouvidor, frequentada por franceses e pessoas da camada dominante. Foi a rua mais famosa do Rio de Janeiro, no entanto, com a total proibição dos descalços, que nesse caso eram os pretos.

O movimento contra a escravatura resultou em duas medidas do governo: a Lei do Ventre Livre (1871) e a Lei do Sexagenário (1885). Tais leis não agradaram ao povo, a ponto de três anos depois, declararem a abolição. Essa é a versão simplificada, mas não foi fácil

consegui-la. Vários grupos e campanhas abolicionistas se uniram e caifazes liberavam escravizados de suas fazendas e as queimavam.

7. A LIBERTAÇÃO DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA

Perante todos esses acontecimentos, a música popular brasileira caminhava rumo a sua nacionalização. Podemos dizer que começou a ter mudanças em 1870, onde os escravizados passaram a partilhar seus elementos artísticos culturais. O que causou isso foi a religião, pois sempre tiveram uma fé ensurdecidora, o que era um problema para a coroa. O maracatu é um bom exemplo de movimento afro, assim como o samba, o lundú e o chorinho. A música nativa do Brasil por meio desses movimentos foi uma manifestação contra a baixa escolaridade de alguns, escravidão e analfabetismo excessivo, foi um protesto. Com isso, todos esses indivíduos não só expressavam o que sentiam como cantavam e compunham o que acreditavam, o que incluía a religião.

As danças afro exigiam um gingado que era muito malvisto pelos brancos. Era um modo de libertarem o seu próprio corpo e alma, e, de um certo modo, aceitarem a sua própria situação. A Guerra do Paraguai proporcionou aos escravizados já alforriados uma vida popular, e, seus donos, passaram a enxergar outros meios de utilizar seus bens, como na marcenaria, vender produtos nas ruas, só que agora, tudo com salário, o que facilitava ao escravizado comprar a sua liberdade.

O assobio era muito comum no Rio de Janeiro, cuja origem é africana, feita para por um ritmo no trabalho, para a coordenação motora lhes render mais. Assobiar era uma atitude imprópria e adúltera para as pessoas.

O comércio aumentou muito devido à aproximação com o capitalismo internacional, permitindo aos brasileiros conhecerem coisas vindas de fora, como instrumentos e mobílias. O fato da tecnologia ter evoluído e o transporte público ser mais rápido, como o navio a vapor, fez com que compositores como Chiquinha fossem mais conhecidos.

A vinda da flauta e dos instrumentos de cordas deram início a esse período de inovações. No entanto, o que atraiu a camada popular foi o violão, a flauta, e o indispensável piano. Com essa bomba de arte, ser músico já era denominado como profissão para o povo brasileiro. Com o aumento das opções trabalhistas, a profissão de artes como a música passou a seduzir a camada popular.

O termo popular era referido às pessoas de camada intermediária. Se você fosse de boa família, você não ouvia música popular brasileira, pois era para aqueles de origem mais

humilde. Por isso foi uma razão de terem tanto desprezo por esse gênero musical, como se a camada alta se sentisse humilhada por ter de gostar de um gênero tão inculto e vulgar.

Por mais que a música brasileira seja uma mistura das culturas africana, indígena e europeia, para o brasileiro culto, aquele que falava francês como segunda língua, culturas analfabetas, nesse caso, africana e indígena, eram costumes dignos de se envergonhar. Demorou muito para todos os brasileiros se unirem num povo só em relação a isso.

Enquanto o escravizado lutava pela sua liberdade, a música também ia saindo das grades.

8. UM FLAUTISTA CHAMADO CALLADO

É engraçado observar como a polca e o lundú tiveram rumos diferentes. Enquanto a polca foi logo bem aceita, o lundú demorou muito para ser acolhido, o que é contraditório, pois ambos os gêneros têm andamentos e ritmos parecidos. Da polca-serenata surgiu o nosso choro, e da polca-lundú, resultou o maxixe.

Acontece que ambas as músicas eram consideradas também muito eróticas. Um compositor que facilitou o caminho de muitos brasileiros foi Joaquim Antônio da Silva Callado (1848-1880), amigo de Chiquinha, já mencionado.

Callado era conhecido por vários nomes como “cortejador de mulheres” e o “pai do choro”, foi ele o primeiro nacionalizador da música popular brasileira. Em 1869, ele já era muito apreciado pelas pessoas, no entanto, não tinha nenhuma obra publicada, somente em 13 de janeiro daquele mesmo ano é que ele ingressou oficialmente no mundo musical editando a música “Querida por todos” que fez especialmente para Chiquinha Gonzaga, porém, não colocou o seu nome ao pé da letra, pôs apenas as iniciais de seu nome. Fez essa música para ela como uma forma de receptividade ao mundo musical, mostrando a ela que não estava sozinha.

Sua segunda obra editada foi “*A Sedutora*”, dedicada também a Chiquinha, que, mais tarde, retribuiu ao seu amigo com uma música chamada “*O Sedutor*”. Muitos pensaram se eles tinham um caso amoroso ou chegaram a ter, mas não tiveram tempo de descobrir, pois foi bem nessa época que Francisca conheceu João Batista, seu segundo marido, um engenheiro rico e bem-sucedido, amigo da família Gonzaga que, muitas vezes, chegou a visitar a casa dos Amaral. Nesse momento Chiquinha estava muito envolvida a ele para pensar no que poderia sentir por Callado.

Callado foi um outro privilegiado, pois desde cedo teve a música presente na sua vida, mas apenas a popular. Estudou no Conservatório de Música e era um flautista virtuoso. Logo cedo foi considerado músico profissional, tocando em ambientes domésticos para sobreviver. Não demorou muito para criar o seu próprio grupo de música, o conhecido “Choro Carioca”. Com a popularidade do choro aumentando, chorões passaram a frequentar diversos lares domésticos que não tinham piano para animar a festa. Boa parte dos executantes de choro eram de origem humilde. Foi exatamente diante de tudo isso que Chiquinha apareceu.

9. ATRAENTE

Francisca ingressou no sucesso em 1877, com a obra “Atraente”, aos 29 anos de idade. A obra foi publicada em fevereiro. Uma polca linda e animada. Tal atitude, provocadora ao olhar de sua família, ao verem esse inesperado sucesso, queimavam as partituras dela, que eram vendidas por escravizados ou até mesmo por ela. Chiquinha angariava fundos com essas partituras para comprar a alforria de escravizados, e um deles foi o flautista Zé da Flauta, liberto por ela. Chiquinha vendia suas partituras em todo e em qualquer canto. Assim como muitos outros, era uma mulher abolicionista e, ainda por cima, a favor do movimento republicano. A composição “Atraente” foi composta enquanto era executado um choro na casa do maestro Henrique Alves de Mesquita. Chiquinha sonhou com a melodia, e, como o tempo não lhe permitia colocar a ideia em prática, ela passeava por todo lugar assobiando e cantarolando essa música para não esquecer, até que, quando chegou na casa do seu amigo passou a executá-la, o que arrastou todos os chorões para tocarem junto como acompanhamento. Tudo isso fez com que pessoas de fora, caminhando pelas ruas, se debruçassem nas janelas para ouvir um som tão novo e alegre. Foi a partir dessa música que Chiquinha passou a frequentar o grupo de Choro de Callado, devido a ausência de um pianista. Ela se adaptou rapidamente ao grupo, seguindo corretamente as instruções do seu amigo flautista, inovador, Callado.

Francisca chegou a tocar em bailes, recebendo 10 mil réis por noite. João Gualberto chegou a apresentar com ela em troca de 2 mil réis. Ao mesmo tempo que tinha as suas apresentações, começou a dar aulas, e cada vez mais, compondo muitas músicas populares a ponto de tal estilo estar já em sua alma. Suas músicas faziam um enorme sucesso, contribuindo para que seu nome fosse altamente comentado e elogiado. Sua fama foi bem rápida e resulta.

O título que ela deu a essa obra foi visto pela sociedade como muito provocador. Não era de se espantar que ela tinha apelidos como provocadora, sedutora, sensual e insinuante, mas mesmo assim prosseguiu. Uma vez que “*Atraente*” estava no auge, lançou a valsa “*Desalento*” em março, a polca “*Não insistas, rapariga!*” em julho, o tango “*Sedutor*” e a valsa “*Harmonias do coração*” em maio.

O tango “*Sedutor*” teve uma certa suposição de troca erótica com seu amigo Callado, que fizera uma música um tempo antes com o nome de “*Sedutora*”. Nunca chegaremos a

saber se esses títulos de ambas as obras foram apenas um nome ingênuo sem intenções ou foi uma troca provocadora de Chiquinha para o flautista.

Como Chiquinha trabalhava que nem louca para se sustentar, chegava a fazer até os seus vestidos, e, ao invés de chapéus, que, detalhe, eram bem valorizados na época, fazia lencinhos e os envolvia em seus cabelos. Isso provocava inveja às outras mulheres. Uma prova viva disso é que um dia, Chiquinha passeava pelas ruas, e, de repente, passa por duas mulheres que a olhavam com um olhar de desprezo, até que uma delas arranca o lenço da cabeça dela, e esta, pega-o de volta e responde: “Feia!”.

10. MARIA DO PATROCÍNIO

O sucesso de Chiquinha incomodava seu pai, herói da Guerra do Paraguai, mesmo tendo adquirido o hábito de considerá-la morta. Como Chiquinha contratava pessoas para venderem suas obras, sempre quando passavam na residência Gonzaga, as partituras voltavam rasgadas. Sujava muito o nome da família, pois Gonzaga era um nome de valor.

Desde cedo, Maria do Patrocínio foi criada pelos seus avós maternos, com a suposição de que eram seus pais, e quanto a Jacinto, em sua perspectiva, um tio comum riquíssimo. Chiquinha chegou a tentar visitá-la quando era muito pequena, mas logo foi bloqueada pelos seus pais e por Jacinto, e este não esperou um segundo para colocar Maria num internato.

Jacinto deixou bem claro a todos os coordenadores do internato de que não podiam, por hipótese alguma, conceder visitas para Maria.

Desde cedo foi muito mimada pelos seus supostos pais, motivo de orgulho eterno. Era a trabalhadora da família, esforçada, e tudo mais. Ficou noiva aos 18 anos, mas não por muito tempo. Morava com os avós numa outra residência, perto das estradas de ferro, e, já a essa altura, estava comprometida a Ernestinho Delamare, homem de boa família.

Certa tarde, Maria foi passear com os avós, e voltou de trem para casa. Tudo estava calmo e tranquilo até ver uma mulher elegante, bem vestida, acompanhada de um distinto cavalheiro, caminhando em sua direção decididamente. Parou em sua frente e Maria se assustou, esta esticou a mão, e, depois disso, não ouvia nada, não entendia a situação, estava incerta se ouvira tudo direito ou se ela estava falando com outra pessoa.

“- Não toma benção a sua mãe?” (Diniz, 2005)

Maria gelou, fitando os avós com os olhos, que, por sinal, Rosa falou que falariam sobre isso em casa, e José Basileu, deixou escorregar duas lágrimas em seu rosto, que as removeu rapidamente com seu lenço. Chegando em casa, Maria ficou sabendo de tudo, mas que direito tinha senão ceder às explicações?

Seu noivo, Ernestinho, rompeu o noivado com Maria do Patrocínio, dizendo a José Basileu que não podia casar ciente de que a sua futura esposa era filha de Chiquinha Gonzaga, o que foi uma bomba para este. O nome impronunciável veio como um baque em sua direção. Chamou Maria, que ouvia a conversa silenciosamente sem fazer um ruído, dizendo:

“- Mariquinhas, o Dr. Delamare veio aqui declarar desfeito o seu noivado com o Ernestinho por você ser filha de Chiquinha Gonzaga. O que você tem a dizer?”

Ingênua demais para bater de frente com o chefe da família, respondeu olhando para baixo:

“- O que o senhor resolver está certo.”

Chiquinha e Maria não mais se viram depois desse ocorrido. Encontraram-se novamente quando Maria ficou viúva. Casou-se depois com Gustavo Mancebo, que não se importava com sua filiação, e tiveram três filhas.

11. REVOLUÇÃO

A partir da obra “*Atraente*”, Chiquinha decide se lançar no teatro de variedades, mesmo enfrentando o preconceito de ser mulher mestiça, e ainda por cima divorciada duas vezes, e inicia sua carreira de maestrina em 1885, aos 38 anos.

Recorte de jornal de 1885:

“...A compositora que antontem tentava a carreira espinhosa de maestra, se é lícito afeminar esse termo.” – Arquivo SBAT- Coleção Chiquinha Gonzaga. Sem título do jornal. Autor anônimo.

Graças a essa rebeldia, que prevalecia no espírito dessa compositora, foi que nos tornamos musicalmente o que somos hoje. Podemos dizer que a mulher e o escravizado foram os interessados no processo de libertação da música popular brasileira. Como mulheres eram as principais frequentadoras das salas de visitas, seu contato com os escravizados era direto.

Várias razões fizeram com que Chiquinha se tornasse o que se tornou. A influência de seu amigo Callado, a sua classe social, seus ensinamentos musicais, e o seu temperamento rebelde e ousado. Sempre foi uma mulher com orgulho de ser brasileira.

O principal fator que contribuiu para que ficasse conhecida foi o fato de ter escrito músicas de obras teatrais, caso contrário ia ser uma ninguém. Por mais que todas as suas composições tivessem um sucesso muito rápido e positivo, muitos duvidavam que todas essas músicas ou trilhas sonoras de peças teatrais fossem escritas por uma mulher. Ela era um talento.

Chegou a escrever em 1880 para o teatro musicado “*Festa de São João*”, recusada pelos empresários da época, sendo rejeitada por quatro anos, e ainda em 1883 fez uma outra tentativa com a opereta “*Viagem ao Parnaso*”, mas não chegou a ser encenada pois o empresário em nenhum momento aceitou que essa peça tinha sido musicada por uma mulher.

Foi apenas em 1885 que finalmente conseguiu estrear nesse universo como uma maestrina, e, acredite, graças a Chiquinha que esse termo existe, não foi uma luta fácil. Se qualquer pessoa da sociedade carioca da época ouvisse as suas músicas, principalmente seus contemporâneos, veriam uma imensa influência de Callado, seu amigo e mestre, que faleceu aos 32 anos, em 1880. Francisca terminou a sua função, alforriou a música brasileira.

No mesmo ano da morte do compositor Callado, retorna ao Rio de Janeiro o compositor mais renomado da época, Carlos Gomes, do qual Chiquinha era admiradora não só como compositora, mas como professora de piano. Sentia-se impressionada porque ele era um paulista renomado, fez sucesso na Europa, era super cativado pelos brasileiros, e tinha um auto charme pessoal.

Vender partituras de suas composições não era o suficiente, ela foi uma mulher que tinha que trabalhar com um pouco de tudo, aulas de piano, obras teatrais, regência, e venda de partitura. Ela se deu muito bem também com as aulas de piano, pois, no caso das mulheres, chefes de família como José Basileu sempre preferiam contratar professoras mulheres para ensinarem a arte do piano a suas filhas, porém, mulheres podiam dar aula dentro de um padrão, o que dificultou para ela nesse aspecto, pois para Chiquinha, não existia padrão, existia o mais.

Era uma mulher esperta, sabia que no caso das obras teatrais, o maior meio de transporte utilizado para as pessoas tomarem conhecimento era o assobio.

No ano de 1880, Chiquinha escreve um libreto e tenta musicá-lo, o que foi trabalhoso, pois fez com que estudasse outros instrumentos em diversos livros para não cometer nenhum lapso. Deu ela o título dessa obra de “Festa de São João”, no entanto, não a expôs ao público.

Três anos depois, chega a musicar um libreto de Artur Azevedo, “Viagem ao Parnaso”, o qual não pôde continuar pois o editor não confiava em mulher para esse tipo de trabalho. Só em 1885, é que conquista merecidamente o posto de primeira maestrina brasileira. Após esse ano, deslança com suas obras teatrais musicadas de libretos, como “Corte na Roça”, cujo cenário da obra se passa no interior do Brasil. Foi entregue em mãos ao Teatro Príncipe Imperial, o qual passava no momento por uma crise. O empresário havia viajado rumo a Europa sem dar nenhuma satisfação, e não deu o dinheiro do salário a ninguém da companhia, e, no meio dessa algazarra toda estava lá a primeira musicista do país tentando se impor e fazer com que todos prestassem atenção nela.

Não foi nada fácil, impunha respeito para aqueles que a cantavam, impunha ordem ao maestro que quase dormia em cima de suas partituras, e, sempre tinha que ficar de olho, pois, sempre o maestro insinuava que todas aquelas obras do libreto “Corte na Roça” eram dele, mas, rapidamente era posto em seu lugar com Chiquinha falando

“- Mas fui eu quem escreveu essa música, não o senhor; respeite o meu pensamento!”

A coitada teve que esperar três meses para essa peça ser apresentada. Estreou no dia 17 de janeiro, no ano de 1885, numa sexta-feira à noite. No entanto, naquela época, todas as

obras tinham que passar pelo Conservatório Dramático, que era um órgão que decidia ou não se a peça se encaixava nos padrões da sociedade. Alguns versos de canções foram trocados, pois esses mostraram-se inapropriados:

Já não há nenhum escravo
Na fazenda do sinhô
Tudo é boliçcionista
Até mesmo o imperadô.

Removeram a palavra “imperadô”, e substituíram por “seu dotô”. Um delegado quis cortar a cena final que era uma dança com uma canção, mas os atores alegaram que não dava para abrir mão dessa cena, então, estabeleceram o trato de cantarem essa música uma vez, sem nenhuma repetição.

Por mais que o público tivesse sido pequeno, fez um tremendo sucesso, com aplausos bem altos, pedindo bis, o que não foi possível devido às ordens repentinas das autoridades, de abaixarem o pano. Essa música que tanto censuravam, que não permitiu que tivesse um bis, era o maxixe, o primeiro indício popular brasileiro teatral.

Chamaram-na no palco, sendo a maior novidade que as pessoas podiam ter, uma mulher compondo obras de qualidade boa, animadas, de mimo, com o caráter nacional. Foi citada na imprensa com essa introdução:

“Dona Francisca Gonzaga ou, mais familiarmente como a tratam, Chiquinha Gonzaga tem revelado em todas as suas inspirações o cunho característico da música nacional. Porque nós temos, não uma escola como a Alemanha, Itália, etc. mas um estilo próprio e profundamente caracterizado pelas suas ondulações faceiras e graciosas, requebros de ritmos das nossas canções, trovas e danças, que se distinguem assaz fortemente por um adorável pico de lascívia, bem própria aliás das condições climáticas em que vivemos.”, *Revista Ilustrada*, 24.1.1885.

Chiquinha escreveu vários maxixes para cenas finais de suas obras teatrais musicadas, fazendo com que se tornasse a maior maxixeira do seu tempo. No entanto, sempre tomava precauções ao terminar de escrever uma obra, de não colocar o gênero musical, caso contrario ia sofrer uma reviravolta absurda de pais de família negando que suas filhas “mocinhas”

tocassem esse tipo de música. Novamente podemos citar mais dois privilégios que essa compositora teve; o primeiro foi o apoio e os tremendos elogios que a imprensa lhe fez com as estréias de suas peças musicadas, e o segundo foi a amizade que esta tinha com alguns jornalistas.

O maxixe foi o primeiro gênero musical oficialmente brasileiro, para depois dessa novidade, a Chiquinha ser a pioneira do tango brasileiro. Podemos acrescentar também que Francisca foi essencial para o mundo da dança. Por mais que muitos achem que foi Ernesto Nazareth o grande influenciador da dança, tudo isso se deve a essa compositora, pois sem ela, ninguém saberia dançar um maxixe sequer.

O tango em si, se origina de Andaluzia, e trouxeram para as Américas no ano de 1860, chegando na Argentina primeiro, sofre com elementos cubanos e habaneras, dando origem ao próprio tango argentino, rapidamente descoberto pelos músicos, indo de uma maneira ágil a sua nacionalização. Ao chegar ao Brasil no mesmo ano, misturam-se também elementos cubanos, só que de acréscimo, há uma mistura de lundú e polca, com isso, em 1870, o Brasil começava a expor indícios de nacionalização.

O primeiro compositor brasileiro a testar o tango brasileiro foi um trompetista e maestro, amigo de Chiquinha chamado Alves de Mesquita. A compositora prestou muita atenção nessa distinta melodia nunca tocada antes, e passou a aprimorar-se ao gênero, resultando no seu primeiro tango publicado chamado “Sedutor”. Pode-se dizer que Chiquinha foi a compositora que mais trabalhou dentro desse gênero com o intuito de ir a caminho da nacionalização. Esse tango brasileiro, mais tarde evoluído, viraria samba. A razão de ainda escrever obras teatrais musicadas é mais um acréscimo que a motivava nesse aspecto do reconhecimento musical brasileiro, o que não poderia ter dado mais certo.

12. ÁGUA NO VINTÉM

O ano de 1880 foi um período de muito movimento social, e com uma intensidade ainda maior nos âmbitos políticos, artísticos e intelectuais, gerando varias manifestações de pessoas da camada popular.

Esse ano iniciou-se com a Revolta do Vintém, que foi nada mais nada menos que uma lei imposta pelo governo, dizendo que o preço para o bonde como meio de transporte, a partir daquele dia, ia ser 20 réis, um vintém, para cada passageiro, começando esse meio de organização no dia primeiro de janeiro.

O povo brasileiro reagiu a isso de uma maneira surpreendente para essa lei municipal. Segundo as reclamações, era muito caro, e, com essa ideia, todos os opositores dessa lei fizeram os mais variados protestos. O governo nada fez pois achava que não podiam desfazer uma lei ou deixar de cumpri-la.

No começo, deu-se início ao caos, até que, o orador, médico e jornalista Lopes Trovão, decidiu simplesmente unir uma pequena grande parte da população carioca para reagir a essa absurda decisão do governo de uma maneira pacifica, simples: Não vamos usar mais os bondes, e sim as nossas pernas apenas. Por três dias nenhum bonde foi utilizado, vários trilhos foram tirados brutalmente pelos manifestantes, animais assassinados, tiros de revólveres, policiais feridos. Tudo isso resultou em três policiais mortos e várias pessoas em protesto indo para a cadeia.

No fim das contas, essa lei foi excluída e Lopes Trovão passou a ser um herói popular, aparecendo na capa de vários jornais. A partir dessa revolta, Chiquinha inspirou-se e compôs uma música chamada “Água no vintém”, em homenagem a esse movimento.

Podemos dizer que há uma parte de suas músicas dedicadas a momentos históricos, o que aconteceu no caso das revoltas. Nesse mesmo ano, a campanha para a abolição da escravatura só ampliava em número de apoiadores, foi novamente citando, a Guerra do Paraguai o motivo dessa recomposição de força abolicionista, pois, sabemos em registro que foi o que nos derrubou imperialmente.

Chiquinha ajudou muito com a libertação dos escravizados. Fazendo de tudo para comprar o máximo de alforrias possível, um deles foi o flautista Zé da Flauta, o qual conseguiu sua amizade. Quando digo “de tudo ela fazia” era de tudo mesmo. Participou de festivais artísticos com o intuito de serem compradas alforrias através da Confederação

Libertadora, varria teatros, pregava cartazes em postes, leiloava, e divulgava tudo isso nos demais lugares possíveis, como dito antes, fazia de tudo.

A causa abolicionista a atraía por completo, pois era um meio de se expressar contra uma imposição que a torturava fisicamente e internamente. O fato de temas políticos como a abolição estarem sendo discutidos naquela época, os que mais se beneficiavam com base no reconhecimento eram os artistas, que foi o caso de Chiquinha. A situação em que o Brasil se encontrava dava liberdade aos artistas, no caso os compositores, a fazerem músicas, o que lhes dava reconhecimento e essa é uma das principais razões para Chiquinha ser popularmente conhecida de uma maneira mais eficiente.

No dia 13 de maio de 1888, com a abolição da escravatura declarada, fez com que a compositora dedicasse um hino à causa com coros e piano, nomeando essa obra de “Redentora”. Foram meses de festas e celebrações, principalmente por aqueles que deram muito de si para conseguir esse resultado, no caso de Francisca. Houve uma festa em específico, na qual foram representados por três artistas responsáveis pela música do local, e estes foram Furtado Coelho, Angelo Agostini e Chiquinha Gonzaga.

Após ter conquistado uma de suas maiores ambições sociais, decide a artista agora se dedicar ao movimento republicano, frequentando locais públicos para fazer campanhas contra a monarquia, onde, por sinal, seu pai era o representante. Mesmo sabendo desse pequeno e leve detalhe, isso não a amedrontou nem um pouco, até porque por mais que José Basileu tivesse recebido uma homenagem do Exército Imperial Brasileiro, Chiquinha brilhava fazendo parceria com Lopes Trovão em propagandas. Ao mesmo tempo em que atuava politicamente com afinco, ela se entregava também cada vez mais ao seu trabalho de compositora. Nem por um segundo parava de executar cada uma dessas funções que a destacavam como indivíduo.

No ano de 1889, Francisca começa a musicar uma peça, cujo nome foi dado de “*Abolindenrepcotchindego*”, título que se referia a todos os acontecimentos que tinham ocorrido dali então, abolição da escravatura, indenização de senhores de escravos, campanha republicana, ministério Cotegipe, a visita dos chineses ao Rio de Janeiro e a chegada do meteorito de Bendegó, o maior da América do Sul. Foi um desastre de apresentação cênica, o maior que a sociedade carioca já registrou. Boatos sugerem que foi uma peça teatral plagiada, mas não musicalmente.

Quando a República foi proclamada no dia 15 de novembro de 1889, foi em plena madrugada que marechal Deodoro da Fonseca ergueu sua espada e disse: Viva a República!

Apesar de ter só o leiteiro para esse acontecimento, no dia seguinte, na Rua do Ouvidor, como mencionada antes, foi recebido com a sua tropa em altos aplausos de todos, e quando dizemos todos, queremos dizer todos mesmo, de todas as cores, de todas as classes. No dia depois desse, a notícia da Proclamação da República apareceu nos jornais, cujo tema foi escrito e abordado por Ruy Barbosa.

Em relação a Chiquinha, com o movimento republicano, logo descontentou-se com o governo de Floriano Peixoto, que, por sinal, nada mais havia agradado do que a camada popular. Com a Revolta da Armada acontecendo em 1893, a capital ficou aterrorizada. Diante de todos esses acontecimentos, Chiquinha compôs uma cançoneta chamada “*Aperte o Botão*”. Vista de uma maneira preconceituosa para aqueles a favor do governo florianista, teve ela um mandado de prisão devido a esse ato vulgar, e, até hoje, ninguém tem um vestígio sequer dessa obra. Francisca só não ficou na prisão por muito tempo devido ao seu grau de parentesco.

Após esse incidente, Chiquinha musica a peça “*Abacaxi*”, a qual não teve o melhor tempo do mundo para ser encenada, devido a revoltas feitas contra o segundo Presidente, Floriano Peixoto. Depois desses movimentos, essa peça é encenada com mais calma.

13. VIOLÃO

Por volta de 1886, passou a fazer reuniões de violonistas em diversas regiões cariocas para aumentar o valor do instrumento que era tão pouco considerado pela metrópole, o cúmulo da malandragem. O resultado desse movimento foi a criação de um choro seu chamado “Sabiá na Mata”.

Foi uma luta, pois na estreia de sua opereta “Corte na Roça”, no Teatro de São José, com a companhia portuguesa Souza Bastos assistindo, a imprensa nacional não sabia como tratá-la, pois ainda não existia o termo maestrina, deu-se então a partir daí esse termo, mas foi uma luta, ela obrigou a imprensa brasileira a fazer isso.

No entanto, em 1888 é que rege pela primeira vez uma orquestra.

Quatro anos depois, em 1889, ela regeu no Imperial Teatro São Pedro de Alcântara, um concerto de cem violões. O violão foi um instrumento elevado ao auge de sua popularidade graças a Chiquinha. Naquela época, o violão não era considerado um instrumento nobre, agora imagine o rebuliço que causou. Porém, Chiquinha apenas promoveu um instrumento que era muito pouco usado.

Na madrugada do ano de 1895, Francisca termina de escrever uma música deixando o seguinte comentário:

“Arre! São três e um quarto da manhã! Estou cansada, vou dormir...Finalmente acabei- os galos cantam.”

Composta em agosto no ano de 1895, a composição “*Corta-jaca*”, também conhecida como “Gaúcho”, estava sendo escrita às pressas devido a uma entrega que a compositora precisava fazer de 23 músicas de sua autoria que tinham sido encomendadas pela companhia de Teatro Eden Lavradio.

Sua estreia foi em 20 de agosto de 1895, contendo três apresentações, e, saiu essa peça com o maxixe de novidade dos folhetos colados em postes de rua logo no dia 23. Essa peça, primeiramente, não agradou a ninguém, para se ter uma noção, ninguém aplaudiu, mas ao mesmo tempo, gostaram dessa reação. A imprensa não se deu por vencida nesse capítulo da história, era Chiquinha isso, Chiquinha aquilo, até que, em 28 de abril do ano de 1899, vendeu esse mesmo maxixe por trezentos mil-réis com a parte de piano e canto para o editor Manuel Antônio Guimarães. E assim foi feita a edição da obra, sendo executada por um grupo de músicos chamado Estudantina.

Em 1904, “*Gaúcho*” voltou aos palcos fazendo com que o público reconhecesse na hora a melodia e a autora da música.

Naquela época (de 1910 a 1914), o cargo de Presidente da República estava nas mãos do Marechal Hermes da Fonseca, que, nos períodos de eleição, com a participação do povo, foi eleito, pois era considerado o mais inteligente de todos os candidatos à presidência. Lá no Nordeste ele foi muito bem valorizado. Por mais que tenha sido ele um sucesso nas urnas, após ter conquistado o cargo, era muito satirizado pela população, devido a todos os azares que vivia em suas tomadas de decisões. Chegaram até a apelidá-lo de “Dudu” ou “Dudu da Urucubaca”. Faziam-lhe caricaturas, poesias e poemas satíricos, e músicas. Durante o seu mandato ficou viúvo, no entanto, casa-se de novo com Nair de Tefé, futura conhecida de Chiquinha. Enquanto o marechal Hermes sofria tudo isso, o maxixe ficava famoso, mais ouvido, apreciado, e, para poucos, desprezado.

Nesse mesmo período, esse maxixe é apresentado na França por dois brasileiros, Duque e Maria Limo, e os correspondentes dos jornais cariocas notificam o sucesso do tango bresilien, dando aos brasileiros um ar de triunfo. Foi aí que a imprensa brasileira se vangloriou com o fato da Europa ter se curvado diante desse novo e criativo gênero musical. Pelos relatos, o Vigário do Geral de Roma e um arcebispo parisiense não gostaram nem um pouco dessa obra, julgando muito vulgar para a moral da época, e um ato muito anticristão.

Chegou a ser um sucesso tão grande (claro que nem tão repentinamente), que chegou a ser executada no Palácio do Catete, a atual residência oficial da época da Presidência da República, por Nair de Tefé no violão, primeira-dama do Brasil, amiga de Chiquinha, e esposa do presidente Hermes da Fonseca. Foi a primeira vez que uma canção popular brasileira entrou como uma intrusa na sede do governo. Bastou esse maxixe para provocar um escândalo nacional.

De acordo com a elite da época, apresentar uma música popular brasileira era um ato vulgar. Historiadores consideram que foi a partir desse momento que a música popular brasileira permitiu-se libertar da prisão. Chiquinha viveu em um tempo em que a nossa música popular não era arte. Os burgueses apreciavam obras europeias, e quando um sutil vestígio de qualquer obra musical mostrava brasilidades, todos na hora menosprezavam.

“Ao mesmo tempo que se libertava, ela libertava a música.”, (Diniz, 2005)

14. PERDAS

Ao longo de sua vida Chiquinha encarou muitas perdas, as quais foram muito difíceis para ela de lidar.

Dias antes de nos tornarmos uma nação republicana, é importante saber que a essa altura a situação em que Francisca se encontrava perante tantas mudanças foram duras e boas ao mesmo tempo. Sua fama crescia cada vez mais, seus admiradores só aumentavam, e era cada vez mais citada nos diversos lugares e jornais. Era ela, sem sombra de dúvida, a autora de grande parte das músicas de grande sucesso na época.

Nesse período pré-republicano retorna ao Brasil o maestro Carlos Gomes, só que desta vez viúvo, em julho de 1889, tendo prometido apresentar ao imperador D. Pedro II a obra “*O escravo*” nas comemorações da Independência, promessa que não conseguiu cumprir, o que fez com que a Princesa Isabel adiasse esse evento para 26 de agosto daquele mesmo ano, o que deu um impulso a Chiquinha a apresentar no dia 30, para homenagear o tão renomado maestro paulista.

A imprensa não deu sossego para deixar isso de lado, mas não paravam de colocar indagações de planos do que Francisca estava pretendendo fazer para homenageá-lo, que obras iria tocar, como seria, onde, mas não paravam mesmo. Seu plano inicial era executar esse concerto em julho, porém, devido a esses imprevistos, aproveitou para executar essa apresentação em agosto mesmo para prestigiar o compositor.

Não se sabe, porém, se o Imperador e a Princesa Isabel compareceram a esse evento, mas, afirmamos com convicção, que, de acordo com os dados da imprensa, a própria Chiquinha foi a regente de suas obras nesse evento, apresentado num teatro com luz elétrica.

Iniciou-se o concerto com a obra “*O Guarani*”, de Carlos Gomes, e, finalizou-se com o fado brasileiro “*Caramuru*”, com violão, pandeiro, o que não era esperado de se apresentar num teatro de tão alta classe. Não só regeu, como executou muitas de suas obras no piano. Uma outra música que chegou a tocar de sua autoria foi a valsa “*Carlos Gomes*”, cuja dedicatória era para ele próprio. Em termos históricos, o simples fato de ter posto na orquestra o pandeiro e o violão, foi um ato de muita coragem pois, por mais que tivesse revolucionado com uma obra que continha uma orquestra de violões, eram, ainda assim, tanto o pandeiro como o violão, instrumentos de heresia.

A partir desse concerto, Chiquinha ganha a sua atenção, presenteando-a com uma foto, a qual ela manteve em seu piano até a sua morte. Boatos dizem que tinha ciúmes dessa foto, mas não sabe-se porquê.

Nesse mesmo ano José Basileu, seu pai, adoeceu. Por mais mente fechada que fosse, e o tempo onde viveu cooperava para isso, nunca perdoou Francisca e seus ideais de pensar e de viver, por ter abandonado o marido, seus filhos, e ter sido independente. Da família Neves Gonzaga, a única pessoa com quem Chiquinha mantinha contato era o seu irmão Juca, um indivíduo com a mente mais aberta e também carinhoso.

Juca, como foi citado nos primeiros capítulos, tornou-se diplomata, mas nem sempre encontrava-se no Rio de Janeiro, separou-se da primeira esposa, e passou a viver com uma inglesa. Quando deparou-se com a notícia dos dias de vida de José Basileu estarem contados, vai direto contar à irmã, a qual na hora despertou o desejo de vê-lo e reconciliar-se. Esse desejo sempre esteve presente nela, era um assunto que a deixava de uma certa maneira muito comovida.

Partiram rumo à residência de José Basileu, com Chiquinha seguindo as instruções do irmão, esperar do outro lado da calçada. Nos seus últimos suspiros de vida, Juca aproxima-se do pai, e avisa-lhe sobre a pessoa que deseja vê-lo, pedir o seu perdão, a sua benção. Ao ouvir isso, pergunta:

“- Chiquinha....quem é?”

Assim que Juca lhe contou quem era, respondeu:

“- Chiquinha, minha filha, há muito tempo já é morta.”

Depois dessa, Juca não mais abriu a boca, e deixou quieto, dando a Chiquinha uma notícia que, para o resto de sua vida, seria uma maldição. O fato de estar ciente de que seu pai nunca a perdoaria mesmo depois de morto a abalou muito. Foi às escondidas ao seu sepultamento e enterro no cemitério São Francisco de Paula, no dia 20 de agosto de 1891, onde ninguém se atreveu a fitar-lhe um olhar sequer, por isso que esperou o seu sepultamento do lado de fora do cemitério.

Em Belém, no dia 16 de setembro de 1896, morre mais um ente querido de Chiquinha, o renomado maestro Carlos Gomes. Francisca parte então rumo a Campinas, onde lá foi feito o seu funeral, e, também, não deixou nem por um segundo de participar de homenagens fúnebres na sua cidade natal. Fora tirado dela não só um amigo e pessoa a qual ela admirava, perdera também um protetor, um apoiador.

Não era nada fácil para ela manter-se como um exemplo para a sociedade no aspecto de suas idéias musicais, para isso então, charme não lhe faltava, e muito menos a sua notável inteligência, o que era fundamental para essa área. Quanto aos jornalistas, ela, sempre que podia homenagear um deles, ela o fazia, ganhando deles então uma grande admiração, sendo que, fazia isso para ter uma boa impressão para os frequentadores da faculdade de letras.

Nunca em toda sua vida tinha feito tantas homenagens musicais como nessa fase, mas, fazia ela tudo isso para cortejar vários elogios e mais status, e apoio total da imprensa.

Era uma mulher sensível em relação ao que acontecia no seu tempo, nos momentos de guerra e de crise econômica. Um outro privilégio que esta teve foi que sempre teve um apoiador perante toda a sua vida musical, foi assim com Callado, Carlos Gomes e Francisco Braga, autor do nosso Hino da Independência.

Enquanto isso, na sua vida privada, Chiquinha reencontra-se com seu filho Hilário, no entanto, desentenderam-se de uma maneira muito rápida. Um filho que Chiquinha sempre teve ao seu lado foi João Gualberto, o qual sempre teve uma grande afeição maternal.

15. JOÃO GUALBERTO

Este passou boa parte da vida ao lado da mãe. Casou-se com Rita da Cassia, uma menina de 13 anos, com o mesmo gênio e temperamento de Chiquinha. Tiveram duas filhas, dando a elas o nome de duas músicas de Chiquinha, Valquíria, devido à valsa de grande sucesso, e Iara.

João Gualberto abandona sua esposa e suas filhas, porém, mal sabia ela a causa, apesar de suspeitar, em razão da ausência de sua ama de leite, Vitalina. Mais tarde descobre o seu paradeiro, encontrava-se em São Paulo, vivendo uma vida de luxo com o seu novo caso amoroso, João Gualberto.

Voltando o foco para Francisca, seu sucesso só expandia.

16. ALICE

No dia 3 de outubro do mesmo ano da morte de José Basileu, casava-se, naquele dia, com Israel, a quarta filha de Chiquinha, Alice, cujo nome da mãe era desconhecido segundo a certidão.

Desde pequena Alice cresceu com a ideia de que sua mãe estava morta, sem nem poder saber o seu nome e apenas depois de casada, aos 15 anos, soube quem era sua mãe. Sempre que sonhava convocava pelo seu nome, afirmando em cada oração que seria menos infeliz se a própria estivesse viva. Estudou num internato, onde seu pai, João Batista de Carvalho visitava-a frequentemente, e, apenas quando terminou os estudos é que pôde ter a oportunidade de voltar para casa.

Mal sabia ela da popularidade que a mãe dela tinha. Era muito falada no Rio de Janeiro, que na época tinha 400.000 habitantes, era mencionada tanto na Rua do Ouvidor, como em casas de famílias riquíssimas, onde sempre deixavam bem claro que o seu comportamento não servia de exemplo para nenhuma mulher.

Maria do Patrocínio se deu muito mal ao saber que era filha de uma compositora que apresentava características ousadas e isso lhe custou um casamento perdido.

Assim que Chiquinha separou-se de João Batista, logo este se envolve rapidamente com uma francesa, a qual já tinha uma filha.

Alice não foi muito bem tratada ao chegar na casa do pai, pois deram-lhe tarefas que apenas escravizados executavam, o que era uma humilhação para mulheres de seu porte. Por mais que a abolição da escravatura já tivesse ocorrido, era uma tremenda dificuldade para senhoras da casa executarem trabalhos forçados. Sua madrasta também não a tratava muito bem.

Foi diante de todos esses fatos que decide se casar. Seu pai, desde o início, não aprovou a união matrimonial, pois bem lá atrás, a ofendia prevendo a sua esperada viuvez. É muito hipócrita pensar que um homem poderoso e bem-sucedido possa ter esses comportamentos com sua própria primogênita, no entanto, para a sorte de Alice, seu marido Israel era um comerciante que morava em Alegrete, bem longe de Minas Gerais, o que proporcionou a ela uma positiva mudança. Tiveram cinco filhos, mas mesmo assim, tão distante, mantinha seu relacionamento com seu pai, e foi por meio dessa comunicação que

descobriu que Chiquinha era sua mãe, porém ainda achava que estava morta, pois João Batista não lhe deu o braço a torcer.

17. SUCESSO

Não parava nem por um segundo o crescimento e o reconhecimento do seu trabalho, digno de bater palmas, isso porque seu círculo social ampliava cada vez mais. Entre os meses de julho e setembro do ano de 1894, um navio francês conhecido como Duquesne instala-se na costa do Rio de Janeiro para ficar por um período. Esse período resume-se a festas e bebedeiras, e, foi nesse novo meio que Chiquinha se integrou.

Foi descoberta por um dos oficiais da marinha, sendo então, convidada para tocar em suas festas, refeições, bailes e missas, o que resultou em um tremendo sucesso. Fez várias homenagens para os mais variados eventos. Tudo isso, essa admiração por suas composições, fizeram com que ela recebesse de E. Fournier, Comandante Chefe da Divisão do Atlântico, em nome da França, o título e medalha de “Alma Cantante do Brasil”.

Esse episódio sempre foi motivo de glória para Chiquinha, agora reconhecida e bem vista pelos franceses.

18. PORTUGAL

É muito curioso imaginar como a vida amorosa surpreendeu por demais a vida de Chiquinha. Seu terceiro caso amoroso foi com um português, porém não da mesma idade que a sua, chamava-se ele João Batista Fernandes Lage, e começou ele a namorar com Francisca aos seus 16 anos.

Chiquinha não era nada ingênua sobre fazer algo a respeito desse caso, e foi o que ela fez, adotou-o como se fosse seu filho, assim, ninguém suspeitava de nada, no entanto, as perguntas entre a sociedade carioca não tinham descanso. Quem é ele? Quem é o pai? Por que só com ele ela mantém contato? Qual é a história por trás disso? E não parava por aí.

Tudo começou no Rio de Janeiro mesmo, no ano de 1899, meses de tremendas novidades que falaremos mais adiante. Chiquinha estava com 52 anos quando o conheceu.

Foi nesse ano também que teve a grande oportunidade de tornar-se sócia do clube Euterpe, que era um clube formado por jovens interessados em música, com os seus mais variados instrumentos de interesse. Foi a partir desse acontecimento na vida de Francisca que conheceu o seu novo admirador, sendo que, segundo relatos, foi ela quem admirou-se primeiro.

João Batista, também conhecido como João ou Joãozinho, para os íntimos, mudou-se para o Brasil com a sua família, ainda pequeno, e, desde então, nunca saiu daqui. Tinha um irmão mais velho chamado Francisco Fernandes Lage, que era alfaiate. Chiquinha chegou a dedicar-lhe um fado português nomeado de Desejos.

Depois do segundo casamento fracassado devido à traição de seu marido João Batista Carvalho, podia jurar de pés juntos que Chiquinha não se apaixonaria mais por ninguém do jeito que gostava dele. Foi a única pessoa que Chiquinha realmente amou, até que, aparece o seu chará, anos mais jovem, mas com um tremendo charme, quem dera. Podemos gerar a hipótese de que o orgulho próprio dela era tão grande que facilitava em suas tomadas de decisões amorosas. João Batista Fernandes Lage, foi, sem dúvida alguma, muito amigo de João Gualberto, permitindo a Chiquinha um certo alívio, crise familiar não precisava mais. O que cooperou para os dois se gostarem foi o fato de ambos serem amantes da música, isso foi o portal principal.

Viveram juntos até a morte da compositora. No ano de 1902, partem rumo a Portugal, o que não foi só uma grande oportunidade para Chiquinha se exibir aos portugueses, como um

sossego da sociedade carioca para não terem idéias precipitadas sobre a sua vida privada. Esconder a sua vida privada era o que esta fazia de melhor. Francisca não tolerava nem por um segundo a existência de criados em sua residência, pois, se fizesse isso, realmente sua reputação iria por água abaixo.

Não pense que foi só no Brasil que Chiquinha despertou curiosidade, em Portugal também. Era 1900 quando o maxixe chegou em Portugal, aos ouvidos dos portugueses, o que não gerou um escândalo como foi no Brasil, gerou colheradas de interesses positivos segundo relatos, muita curiosidade envolvida. Por incrível que pareça, esta curiosidade voltou a ser mais forte e positiva no ano de 1908, onde os Geraldo (dupla brasileira) o apresentam como gênero novo, fazendo com que os nativos de Lisboa delirassem de admiração.

Francisca era muito rica, o que fez com que em 1904 fosse acompanhada de João Batista Fernandes Lage em sua segunda viagem a Portugal, só que desta vez não a trabalho, mas como turistas. De acordo com os planos de Chiquinha, o casal viajaria até a Itália. Para essa viagem rumo a Europa, Francisca leva consigo uma carta de seu editor para mostrá-la a Júlio Neuparth, grande figura representativa na área musical da época. Júlio organizava reuniões musicais, conhecendo então Chiquinha numa dessas reuniões organizadas por ele. No início a compositora optou por não revelar a sua identidade, fazendo com que ele descobrisse por si só. Após descobrir a identidade de Chiquinha, fizeram amizade.

Depois dessa segunda viagem a Lisboa de puro lazer, retorna ao Brasil, regressando para lá de novo apenas em 1906, no mês de julho. Ficou em Lisboa dessa vez por mais tempo, mais por questões pessoais e familiares. Instalou-se no bairro de Benfica, onde frequentava a igreja todos os domingos.

Teve ela dias tranquilos em Portugal, pois todos nós sabemos que Francisca sempre priorizou a sua carreira na música. As obrigações que os membros de sua família a estavam forçando a assumir eram tantas, que decidiu se afastar por mais tempo. Foi isso que ela fez.

A convite de um prior, Chiquinha chega a tocar nas missas dos fidalgos ao meio-dia todos os domingos, resultando esse comentário nos ouvidos de Joãozinho:

- “O menino João, diga a senhora sua mãe para tocar o Trovador durante a missa. A emoção dominou-me a tal ponto que cheguei a perder o sentido das preces e tardei em dar comunhão aos fiéis.”, (Diniz, 2005)

Durante os primeiros dias e semanas, Chiquinha nada mais faz além de compor suas obras, passear com seu amante, e descansar muito. O casal chegou a visitar a família Fernandes Lage (a de João Batista), que ficava perto da cidade de Braga. Francisca conhecia e se habituava cada vez mais com a cultura do lugar, fazendo com que, no ano seguinte, fizesse muitas amizades e compusesse, com o intuito de organizar concertos seus na capital da metrópole. Fez tudo isso para ter um destaque maravilhoso no ano de 1908, ainda em Portugal.

Sua primeira colaboração teatral em Lisboa foi um maxixe, cuja cantora portuguesa Hermínia, foi a sua intérprete. Depois disso, continua musicando peças teatrais na temporada de inverno da capital portuguesa. Musicou uma peça teatral nativa de lá chamada “As três graças”, uma ópera cômica. Fez um tremendo sucesso no teatro Águia de Ouro do Porto.

Mas, se queremos levar em conta o seu principal sucesso em Lisboa, foi a ópera cômica “*A bota do diabo*”, de três atos, feita pelo carioca Avelino de Andrade. Mais tarde, encenaria essa peça musicada no Rio de Janeiro duas vezes. Os jornalistas a elogiaram tanto que até chegaram a acrescentar que essa peça musicada tinha sido a melhor da temporada de inverno, apesar de, um crítico mente fechada, declarar que a peça musicada continha muitos maxixes para o gosto dele.

Uma revista chamada “Arquivo Teatro” também chegou a criticar a peça, alegando ser muito entediante e parada, fazendo com que ninguém se envolvesse o bastante para obter sucesso.

Durante a sua estada na Europa, recebe a agradável visita de seu irmão Juca, que, a essa altura, era Cônsul do Brasil em Glasgow, uma cidade escocesa, da qual só conseguira a presença registrada pela imprensa devido a sua comum amizade com o poeta Cândido de Figueiredo, membro da Academia Real de Ciências.

A imprensa escreveu muito sobre a compositora, contando alguns fatos de sua vida, como suas origens familiares, que vinha ela de uma família nobre e importante, mencionaram também o que a levou para lá e chegaram até a compreender que era por razões pessoais. Acrescentaram a quão benéfica era a sua imagem de compositora, extremamente talentosa para o Brasil, citaram o seu gênio e a sua personalidade modesta, alegre e ousada.

Uma matéria de jornal, em particular, escrita por um padre chamado Alberto, chamou muito a atenção da sociedade portuguesa, que, segundo documentos registrados, descreviam Chiquinha de uma maneira muito profunda, chegando até a suspeitar-se que tiveram um caso,

coisa que o Padre Alberto, já previu colocando observações em sua matéria de jornal sobre a célebre compositora.

Para Portugal daquela época, a imagem de Chiquinha foi excelente para eles reduzirem ainda mais o preconceito de que nós éramos apenas uma floresta rodeada de macacos. Foi mencionado na imprensa também o seu talento e a sua habilidade de reger as próprias obras.

Depois de três anos fora do Brasil, Chiquinha retorna, percebendo que nada mudara, exceto uma música que perambulava aos ouvidos das pessoas do Rio de Janeiro, Fon fon, composta pelo compositor Ernesto Nazareth. Na Praça Tiradentes, antes chamada de Largo do Rossio, tinha grandes atividades noturnas, e, bem neste local é que se encontravam vários cartazes de Francisca com suas obras teatrais musicadas para as próximas apresentações que viriam a seguir.

19. Ó ABRE ALAS

Como dito anteriormente, o ano de 1899, assim como os demais anteriores foram cercados de novidades e avanços culturais, sociais e pessoais na vida da compositora. No entanto, nessa virada do século, podemos dizer que foi o auge do auge da sua carreira como musicista e compositora.

Esta agora morava no bairro do Andaraí, onde o cordão Rosa de Ouro ficava ali perto. Foi numa tarde que a inspiração veio. Ensaiaava ela com o grupo músicas para o cordão, até que Francisca vai direto ao piano, com uma idéia na cabeça, e vem com uma melodia atípica, que mais tarde veio com uma letra feita por ela também. E foi assim que surgiu a grande marcha-rancho conhecida, Ó abre alas:

Ó abre alas!
Que eu quero passar (bis)
Eu sou da lira
Não posso negar (bis)

Ó abre alas!
Que eu quero passar (bis)
Rosa de Ouro
É que vai ganhar (bis)

Foi um sucesso repentino. Nenhum compositor havia feito coisa parecida, uma marcha-rancho com ritmos brasileiros carnavalescos. Essa música mais tarde passaria a se tornar o hino do carnaval brasileiro, pois o Brasil finalmente casou-se com o carnaval popular, o que significa: Fora costumes carnavalescos europeus. O carnaval passou a ganhar música própria.

A marcha-rancho tem origens baianas, possuindo um ritmo muito lento ao ser executada, não é como a marchinha que é rápida, que só da vontade de pular. Era surreal a espontaneidade sem limite de Chiquinha a ponto de nunca hesitar em trazer para o salão tudo o que apresentava nas ruas do Rio de Janeiro. Em plena virada do século, nem mesmo a

própria compositora, que fez a primeira marcha carnavalesca sabia do gênero que se tratava a música que tinha feito. Por isso que, em 1904, nomeou Ó abre alas como “maxixe de cordão”.

20. FORROBODÓ

Forrobodó foi o maior sucesso teatral de Chiquinha, apesar de, inicialmente, não ter tido ninguém, nem mesmo a imprensa. Os planos iniciais eram deixar a peça ser encenada por uma semana, e, essa preguiça afetou todo o resto, os figurinos, os atores, o elenco, todos eles menos a compositora.

A peça estreou no dia 11 de junho de 1912, o que foi, para a surpresa de todos, um sucesso repentino. A imprensa elogiou bastante, e a partir da estréia, em vários lugares, essa peça era reproduzida. No início da estréia, os atores estavam com aquele receio de serem vaiados em vez de receberem aplausos, mas estavam enganados.

No percorrer da peça, encontram-se vários gêneros musicais, tangos brasileiros, maxixes, modinhas e polcas, mas, a música carro chefe dessa peça é a do ato final que, inclusive, foi tocada em salões da elite. O nome desse tango brasileiro da cena final que Francisca fez foi “Não se impressione?”.

“Forrobodó da maçada,
Gostoso como ele só,
É tão bom como a cocada
É melhor que pão-de-ló...”

Forrobodó é uma das poucas de suas obras teatrais musicadas que são encenadas até os dias de hoje.

21. SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 1917, essa associação tem como objetivo proteger os direitos dos autores teatrais brasileiros, e, a líder desse movimento, foi a própria Chiquinha Gonzaga, cujo impulso surgiu através de uma viagem a Europa em 1903, em Berlim, deparando-se com uma loja onde se encontravam muitas de suas obras editadas, sem o seu consentimento e autorização. Quem faria isso? Chegou a se indagar a respeito, até que, descobriu então, que foi o seu editor e amigo de “confiança”, Frederico Fidner, chamado pelos colegas de Fred.

Assim que regressou ao Brasil, Francisca não parava de conversar e refletir a respeito dessa atitude, porém, ainda na Alemanha, João Batista não recebeu essa notícia da mesma forma que Chiquinha a recebera, queria ele dar uma lição nele, então, desde esse impulso, a conversa e resolução prática sobre este tema estava nas mãos de Joãozinho. Para se ter um parâmetro, Fred e Chiquinha eram próximos a ponto desta ter a sua esposa como uma de suas alunas de piano, e, para acrescentar, não cobrava nada, tudo gratuito.

Como dito antes, Joãozinho teve uma atitude muito explosiva querendo que Fred pagasse pelo que tinha feito, sendo assim, exige contas. Frederico tenta escapar, conversando com o seu patrão Guimarães, no entanto, se dá mal ao saber que Joãozinho tinha um poder maior que o dele, resultando então um pagamento de Fidner de 15 contos de réis para Chiquinha com mais 15 contos de réis para Guimarães graças à intervenção de João Batista.

Frederico nasceu na Tchecoslováquia, no entanto, foi naturalizado como americano. Foi proprietário da casa Edison no Rio de Janeiro, ganhando dinheiro vendendo gravações de músicas em disco em 1902. Chegou a fazer tanto sucesso nesse aspecto que seus discos passaram a ser vendidos internacionalmente.

Enquanto isso, os franceses tinham acabado de descobrir nessa época o tango brasileiro entre outros de nossos gêneros populares, fazendo com que em Paris tocassem 20 tangos de Chiquinha sem a sua autorização, tal desrespeito chegou a tal ponto de vários autores teatrais franceses, e compositores pegarem suas partituras e tirarem o título de autoria. Diante desse caso com os franceses, em 1913, no dia 7 de janeiro, a compositora é entrevistada pela Gazeta de Notícias sobre o tema direitos autorais. Falou tudo o que tinha direito, sem medo, relatando todos esses incidentes acontecidos com ela. Acrescentou em sua entrevista que estava cansada de ser passada por cima, de ser usada e aproveitada como tinha sido desde o início de sua carreira musical.

Sobre os seus tangos apresentados sem a sua autorização na França, Francisca reclama de Figner também, alegando por meio de informações obtidas por ela mesma que por um só de seus tangos, Frederico recebeu o pagamento de 30 contos de réis e ela nada. O jogo de Fred Figner era não deixar os compositores atentos sobre esses lucros que recebia, para os créditos sempre serem voltados para ele, então, basicamente, ficou rico passando por cima, e não se esforçando como uma pessoa normal o faria. Frederico nunca colocava nos discos que vendia o nome do autor de cada obra musical.

Naquela época era muito fácil você ser roubado intelectualmente, principalmente na área do teatro, na qual Chiquinha foi muito atingida. O trabalho artístico teatral era rodeado de empresários, tanto que, a compositora indignou-se ao saber que cinco anos depois que a empresa Paschoal Sangrento havia tirado proveito dessa peça, omitindo a sua autoria, fazendo com que eles próprios recebessem a quantia de 600 mil réis, sem que ela recebesse um tostão.

No ano de 1916, o Congresso Nacional criou uma nova lei que dispunha sobre os direitos de autores teatrais, escritores e compositores.

Por mais que os artistas brasileiros estivessem protegidos com a nova lei nacional, não havia uma classe unida num grupo que cuidasse de seus bens intelectuais, resultando em um “não ter adiantado nada a criação da Lei 3.071”, então, Chiquinha, com um plano na cabeça, chama dois amigos seus de confiança, sendo que um era autor teatral e o outro jornalista, e pede um favor aos dois, que era publicar em seus jornais a convocação de uma reunião de autores teatrais, e, se um ou dois não escutassem, que fossem arrastados para esse encontro, e foi o que fizeram com alguns.

Chiquinha e seus dois amigos Raul Pederneiras e Viriato Corrêa conseguiram emprestada uma sala da Associação Brasileira da Imprensa, que era muito grande devido à ocupação de duas salas juntas no Edifício Liceu de Artes e Ofícios. Era uma tarde chuvosa quando a reunião aconteceu e poucos se deram ao trabalho de ir, mesmo cientes de que o propósito era criar uma associação que defendesse os seus direitos. Ninguém foi esperto o bastante de levar um caderno ou uma folha de rascunho para assinaturas dos participantes, então, como ninguém queria ser responsável de pegar chuva para ir numa papelaria, utilizaram o papel de máquina, que servia para cópias de carbono.

A partir então do dia chuvoso de 27 de setembro de 1917, às dezessete horas, foi instalada na Associação Brasileira da Imprensa, a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, cujos diretores que assinaram foram Oscar Guanabara, Viriato Corrêa, Gastão Tojeiro, Francisca Gonzaga, Euclides de Matos, Avelino de Andrade, Bastos Tigre, Fabio Aarão Reis,

Alvarenga Fonseca, Raul Pederneiras, Oduvaldo Viana, Antonio Quintiliano e Rafael Gaspar da Silva.

Dias mais tarde, Viriato Corrêa, amigo de Francisca, confessou que após esse encontro, todos os autores saíram de lá convictos de que fariam de tudo para terem seus direitos teatrais. Foi uma reunião intensa, onde vários manifestaram-se. Para a não surpresa de todos, acabando de ser instaurada, a SBAT já sofria imposições dos demais artistas que não eram teatrais, achando isso uma pouca vergonha, e não podiam ter se sentido mais excluídos como naquele momento. Chiquinha e os ocupantes de outras cadeiras da SBAT beneficiaram-se pois tinham o apoio total da imprensa.

Raul Pederneiras, o jornalista, vai além na defesa a favor dos direitos teatrólogos, dizendo que ela não vai ser desinstaurada e que, todos os fundadores e sócios da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais podiam impor os limites de uso de suas obras. No entanto, nada podia ser inferior à tabela que todos os fundadores estabeleceram.

Na tabela consistiam as seguintes recomendações:

- Peças sem música com quatro dias seguidos de apresentação eram 10 por cento sobre a renda bruta. Se o empresário quisesse prosseguir com o número de apresentações em dias, eram 5 por cento sobre a renda bruta.

- Peças que continham músicas, em quatro dias de apresentações, independente do número de vezes apresentada dentro desses dias, empresários pagariam aos autores teatrais 12 por cento de renda bruta sendo 6 por cento para poema e poesia, e 6 por cento para a partitura. Se você quisesse apresentar a peça por mais dias, o preço aumentaria.

- Para óperas, o compositor tinha o direito de escolher o empresário, o libreto da peça que queria musicar, e ainda exigir a execução de seu bem intelectual ao número das peças sem música.

- No caso de traduções e arranjos, seria cobrado 50 por cento ao tradutor, e outros 50 ao adaptador.

- Monólogos e cenas cômicas os autores cobrariam 1000 réis cada vez que um empresário quisesse expor o seu trabalho. Se a peça não precisasse de espetáculo, seria cobrado com base no número de atos.

Toda essa tabela passou a valer para todos os estados do Brasil com os seguintes descontos como anotações finais:

- Peças sem música tem três por cento de desconto.

- Peças com música o cidadão tinha o direito a apenas dois por cento de desconto.

Nenhum empresário ou empresa gostou dessa proposta, o que nos trás a evidência de que se não houvesse essa lista de normas, ninguém iria obedecer.

Chiquinha agora era uma mulher de respeito e exemplar em todos os aspectos que possamos imaginar, nos âmbitos sociais, comportamentais, financeiros, enfim, em todos eles. Desde a sua liderança no movimento para a fundação da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, passou a morar no edifício onde tinha sido inaugurada a SBAT, e, também, sempre que passava por alguns homens, todos a cumprimentavam com um imenso respeito e consideração e, quem não o fazia, conquistava a sua antipatia de não receber uma xícara de café que costumava tomar às 16 horas todas as tardes.

A partir da SBAT, outras organizações que favorecessem aos direitos autorais passaram a surgir como a UBC (União Brasileira dos Compositores), e a ABCA (Associação Brasileira dos Compositores e Autores).

Francisca não só chegou a ocupar a cadeira número um da SBAT como foi patrona e fundadora da sede. Mesmo que todos por lá fossem homens, o respeito que tinham por ela era de tirar o chapéu.

Por mais que tivesse conquistado esse respeito todo, todos os fundadores tinham que aguentar o seu jeito rabugento e impaciente de ser em certas ocasiões.

22. FIM

Por incrível que pareça, quando a mais célebre compositora brasileira envelheceu, o seu espírito jovial fez o mesmo. Diferente de quando era jovem, com o seu jeito expansivo, corajoso, alegre e ousado de ser, tornara-se uma velha conservadora, de mente fechada, que só ia para a SBAT, para a igreja aos domingos, e para a sua casa na Praça Tiradentes junto de seu “filho” João Batista.

Quinze anos antes de morrer já desejava a própria morte, sendo isso comprovado pelas cartas que escreveu no ano de 1920 aos seus filhos e a alguns de seus amigos íntimos. Foi uma exaustão relacionada a muitas coisas que fizeram com que tivesse essa amargura e desespero de sua vida terminar, chegando até a escrever, além da carta, um poema.

Invocação

Meu deus! Sinto-me morrer!...

O meu corpo enfraquecido,

Pelas dores esvaído

Nem sequer alento tem!!!...

Basta Senhor!...O martírio

Me flagela noite e dia

Nem um raio de alegria

Em meu pobre coração!

Condenada a vida inteira!...

A cruciante tormento,

A minh'alma em desalento

Pede a Ti Senhor- Perdão!!!...

Voltando à carta que escreveu em 1920, a compositora não só escreveu seus desejos de morrer logo, como também pediu ao seus filhos que fosse enterrada no mesmo cemitério que o pai, José Basileu, que a vestissem no túmulo com suas roupas do dia a dia, e que não queria ser enterrada pelos seus filhos, pois, segundo a carta escrita por ela não queria

hipocrisia no seu enterro, afinal sempre foram ingratos. Acrescentou também que não queria missa, mas queria que esse dinheiro próprio para esse evento fosse dado à caridade, e, também, pediu que o rosário e o livro de sua mãe Rosa fossem consigo para o caixão.

Nessa época em que Chiquinha escreveu essa carta, João Gualberto continuava a morar em São Paulo, ainda com sua amante Vitalina, que juntos tiveram uma filha chamada Mariana. Agora (naquela época) era dono de um café-cantante. Hilário sempre viveu com a idéia de que era muito humilde aos pés de sua mãe, trabalhando então como sapateiro numa região humilde carioca, acolhendo Jacinto Ribeiro de Amaral, primeiro marido de Chiquinha, que havia falido duas vezes, tendo assim o seu próprio enterro pago pela esposa que sempre teve um gênio forte para ser uma mulher padrão.

Já as suas outras duas filhas, Maria do Patrocínio e Alice, de acordo com os pensamentos da época, não puderam se aproximar do mau exemplo materno, então, como já sabemos, foram educadas muito longe de Francisca. Ambas as irmãs, que não se conheciam, casaram-se muito cedo, assim como enviuvaram ainda jovens. Maria do Patrocínio se deu muito bem no início de seu matrimônio, era bem-sucedida devido ao seu marido ser de boa família, mas, quando este morreu, só havia restado a ela as suas três filhas. Nos seus 38 anos de idade, Maria, toda falida, decide pedir ajuda à mãe, pois sabia que ela estava no auge da carreira, mas, para sua surpresa, Chiquinha recusou-se a ajudá-la, assim como o fez com Alice, que tivera um destino parecido só que em Alegrete.

Alice teve cinco filhos, nunca saindo do Rio Grande do Sul(Alegrete). Um de seus filhos nasceu deficiente, e, por esse fato, decide ir para Porto Alegre ver um padre. Enquanto caminhava pelas ruas, decide comprar um jornal do Rio de Janeiro, e depara-se com a notícia de que sua mãe havia regressado de Lisboa, o que foi um choque para esta pois nunca soube que Chiquinha estava viva. Fora criada como se ela tivesse morrido. Seu marido Israel morreu quando ela estava com 28 anos, no entanto, deixara uma loja em seu nome, porém, a loja faliu, e a única opção que lhe restou foi pedir ajuda da mãe.

Francisca negou ajuda para as duas, principalmente para Alice, que lhe perguntou se esta podia lhe ajudar a cuidar de seus filhos. Cinco crianças! Na hora Chiquinha recusou, dizendo que queria sossego doméstico e que precisava trabalhar. No fim das contas, Alice pede ajuda para sua tia paterna, permanecendo com seus filhos no Rio de Janeiro. O pedido de ajuda das duas filhas para Chiquinha ocorreu nos anos de 1903 e 1905. Supõe-se que esse foi o seu motivo de ida a Portugal.

Em relação ao segundo caso amoroso da artista, João Batista de Carvalho, morre pobre, acudido na casa de sua irmã Henriqueta. Alice sempre procurou se aproximar de Chiquinha, visitando-a de vez em quando, cozinhava um pouco para ela, provocando certo ciúme em Joãozinho, e às vezes Francisca o poupava desse sentimento expulsando-a de casa. Como Alice acreditava que não tinha direito de reclamar dessas atitudes momentâneas de sua mãe, cedia com facilidade pois era ilegítima, então era bem pacífica quanto a isso.

Em relação à dificuldade de Maria de cuidar de seus filhos, sempre negou para si mesma a ajuda de Francisca, pois ainda guardava rancor. Como era João Batista Fernandes Lage que cuidava da fortuna, logo de cara não simpatizou-se com Maria, devido a sua teimosia de recusar ajuda.

Além desses fatos, começa a suspeitar-se novamente se Chiquinha e Joãozinho eram amantes ou só mãe e filho. Fizeram até um movimento para isso, duvidando que a fortuna tinha a hipótese de ser de Joãozinho e não dela. Tudo isso bastou para Francisca desabar de vez a ponto de desejar a própria morte, a qual aconteceu anos depois. Mas Francisca sobrevive a tudo isso. Inclusive, fizeram uma manifestação de reconhecimento de seu dom em 1925, dando um fim a esse capítulo.

Dois anos antes de sua morte, em 1933, morre seu primogênito João Gualberto em São Paulo, e, bem nesse ano, agora com os seus 85 anos, escreve a sua última música chamada “Maria”, e, por mera coincidência, em 1934, morre no Rio de Janeiro Maria do Patrocínio.

Nos seus últimos dias, dispensava sempre que podia as empregadas, onde até fizeram-se boatos que eram ciúmes de Joãozinho. Nesses dias finais de sua trajetória, alguns vivencia com febre, mas, com febre ou não, sempre pedia a companhia de Joãozinho apenas, de mais ninguém, nem mesmo de seus filhos, promessa que ele soube cumprir.

Às 18 horas do dia 28 de fevereiro de 1935, numa quinta-feira, morre a compositora ao lado de João Batista Fernandes Lage, com um cortejo fúnebre sendo tocado nas ruas, até que, de repente, a marcha “Ô abre alas” começou a abafar esse som, fazendo Chiquinha acreditar que era o céu a aguardando, sem se dar conta de que era a antevéspera do carnaval.

Catalogo da gravadora Columbia de 1912:

- ”Francisca Gonzaga- quase com toda certeza é a mais grande compositora do mundo; creadora do verdadeiro tango brasileiro e compositora da maioria das composições de maior venda do Brazil e de Portugal.”

23. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chiquinha continua inspirando vários compositores, passando suas influências onde nem imaginamos. Teve ela vários biógrafos e intérpretes, dentre os biógrafos estão Mariza Lira e Edinha Diniz, e, dentre os intérpretes, Maria Teresa, a mais importante, também intérprete de Ernesto Nazareth.

Em 1999 fizeram uma Minissérie na TV contando sua história e contrataram as atrizes Regina Duarte e Gabriela Duarte para atuarem como Chiquinha, sendo que ambas são brancas e Chiquinha era mestiça, o que causou muita surpresa aos que sabiam a sua história, além de ter passado uma mensagem errada para aqueles que não a conheciam.

Sinto-me realizada por ter escolhido este tema, em virtude da fascinação que tenho por Chiquinha, como mulher e compositora, além de inspirada, o que resultou na Marcha-Rancho que fiz em sua homenagem, que se chama “Viva”, cuja partitura encontra-se no anexo deste trabalho e será tocada por mim no final da apresentação.

Ressalto que a referida composição, Viva, ainda não foi registrada na Biblioteca Nacional, que está fechada em razão da pandemia.

24. BIBLIOGRAFIA

Livro

- Chiquinha Gonzaga, uma história de vida.

Autora: Edinha Diniz.

11ª Edição

Editores Rosa dos Tempos, Rio de Janeiro 2005

Sites:

- Chiquinha Gonzaga: a vanguarda da mulher na música brasileira.

Criado em 27/02/15 e atualizado em 03/03/15

Por Ana Elisa Santana

Fonte: Portal EBC

- Chiquinha Gonzaga: a artista que quebrou barreiras na música e na sociedade.

Bernardo França e Beatriz Lourenço, 28/02/2020

- ESCOLA, Equipe Brasil. "Chiquinha Gonzaga"; Brasil Escola. Disponível em:

<https://brasilescola.uol.com.br/biografia/chiquinha-gonzaga.htm>.

- CHIQUINHA Gonzaga. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em:

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa21786/chiquinha-gonzaga>. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060

- Chiquinha Gonzaga (1847-1935) – Heróis

Lopes, Nei. Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana. São Paulo, Selo Negro, 2004.

Diniz, Edinha. Chiquinha Gonzaga, Uma História de Vida. Codercrri, 198.

- O amante adotado: Chiquinha e Joãozinho, composição além da música

Autor: Rafael do Nascimento Cesar. Dezembro 2015.

- Ó abre alas que ela quer passar! 16 curiosidades sobre a vida polêmica de Chiquinha Gonzaga

Por Dilva Frazão

- Chiquinha Gonzaga: uma mulher inesquecível

Autora: Júlia Fernandes Heimann. É escritora e poetisa. Tem 10 livros publicados. Pertence à Academia Jundiaense de Letras, à Academia Feminina de Letras e Artes, ao Grêmio Cultural Prof Pedro Fávoro e à Academia Louveirensense de Letras. Professora de Literatura no CRIJU

Jundiaí Agora. O site Jundiaí Agora é uma publicação da Rapha.com. Jornalista responsável Marco Antônio Sapia (MTB 02700).

25. ANEXO

Marcha-rancho Viva, de minha autoria, ainda não registrada na Biblioteca Nacional, que está fechada em razão da pandemia.